

EDUCAÇÃO POPULAR: METODOLOGIA DE PESQUISA COMO PROCESSO EDUCATIVO

Débora Monteiro do Amaral*

Aida Victoria Garcia Montrone**

RESUMO

O presente ensaio apresenta a experiência realizada em uma pesquisa de doutorado efetuada em seis assentamentos do estado de São Paulo, de junho a outubro de 2012, onde a educação popular, para além de um referencial teórico, foi utilizada como referencial metodológico. Para isso, foram utilizados alguns autores da educação popular, com destaque à obra de Paulo Freire. Objetiva-se apresentar uma proposta de metodologia de pesquisa que fuja dos métodos tradicionais existentes, propondo um novo formato de investigação, considerando a colaboração, a solidariedade e a parceria entre sujeitos da pesquisa e pesquisadores. Nesta metodologia, mais que os resultados da pesquisa, o que se torna relevante são os processos educativos que acontecem ao longo do processo investigativo. Essa metodologia surgiu ao longo da pesquisa de doutorado, em que a doutoranda esteve com as colaboradoras da pesquisa durante quatro anos, acompanhando o processo de formação superior destas pessoas. Através da convivência foi possível estreitar laços de confiança e respeito, o que possibilitou aplicar essa metodologia baseada nos ensinamentos de conceitos de Paulo Freire (diálogo, conscientização e saber de experiência). Através do uso dessa proposta metodológica, foi possível compreender na prática esses conceitos, bem como a teoria defendida pelos autores da educação popular.

Palavras-chave: Educação popular. Paulo Freire. Metodologia de pesquisa. Processos educativos.

ABSTRACT

POPULAR EDUCATION: RESEARCH METHODOLOGY AS AN EDUCATIONAL PROCESS

This paper presents the experience that took place during doctoral research conducted in six settlements in the state of São Paulo, from June to October 2012, in which the theoretical framework of popular education was used as a methodological approach. With this objective in mind, the research draws upon the works of authors specializing in popular education theories, specifically those by Paulo

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Adjunta do Departamento de Educação, Política e Sociedade (Deps) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Endereço para correspondência: Rua Oswaldo Bastos de Souza Freitas, nº 77, ap. 603 – Jardim Camburi. CEP: 29090-450. Vitória-ES. deboramdoamaral@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora Associada do Departamento de Metodologia de Ensino/ Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Endereço para correspondência: Rodovia Washington Luís, Km 235, SP-310 – Jardim Guanabara. CEP: 13565-905. São Carlos-SP. montrone@ufscar.br

Freire. The aim is to present a non-traditional research methodology proposing a new investigative format that takes into account collaboration, solidarity, and the partnership forged between researchers and research subjects. The most relevant aspect of this methodology is not the research results but the educational process that takes place throughout the investigative process. This methodological approach emerged during the four-year period of doctoral research, in which the PhD student accompanied the subjects/collaborators of the research throughout their higher education. This shared social interaction led to strengthened bonds of trust and respect, which allowed for the application of this methodology, based on Paulo Freire's concepts of dialogue, awareness and experiential knowledge. Through the use of this methodological approach it is possible to understand and apply, in practice, the concepts and theory of popular education.

Keywords: Popular education. Paulo Freire. Methodological approach. Educational process.

RESUMEN

EDUCACIÓN POPULAR: METODOLOGIA DE INVESTIGACIÓN COMO PROCESO EDUCATIVO

Este ensayo presenta la experiencia realizada en una investigación de doctorado realizada en seis asentamientos del Estado de São Paulo (Brasil), de junio a octubre de 2012, donde la educación popular más allá de un referencial teórico, fué utilizada como referencial metodológico. Para eso, fueron utilizados autores de educación popular, destacando la obra de Paulo Freire. El objetivo es presentar una propuesta metodologica de investigación que huya de los métodos tradicionales, proponiendo una nueva forma de investigación considerando la colaboración y la solidaridad entre sujetos de la investigación e investigadores. En esta metodología, para más allá de los resultados lo más relevante son los procesos educativos que ocurren durante el proceso investigativo. Esa metodología surgió durante la investigación de doctorado, en la cual la doctoranda estuvo con las colaboradoras de la investigación durante cuatro años, acompañando el proceso de formación superior de estas personas. En la convivencia fué posible estrechar lazos de confianza y respeto, que permitieron aplicar esta metodología con base en los conceptos de Paulo Freire (diálogo, conscientización y saber de la experiencia). Con el uso de esta propuesta metodológica fue posible comprender en la práctica esos conceptos, así como la teoría defendida por los autores de educación popular.

Palabras claves: Educación popular. Paulo Freire. Metodologia de investigación. Procesos educativos.

Introdução

O presente artigo apresenta a experiência realizada em uma pesquisa de doutorado (AMARAL, 2014) em que a educação popular, para além de um referencial teórico, foi utilizada como referencial metodológico.

A tese procurou compreender que significados as pedagogas da terra formadas na UFSCar atribuem para a sua vida e para a sua prática profissional. Teve como objetivo central descrever esses significados e ainda identificar e analisar processos educativos na prática dessas mulheres. Os objetivos procuraram desvelar transformações na vida e nos

assentamentos dessas mulheres, propiciadas através dos cursos de Pedagogia da Terra, como meio de justificar a continuidade destes. Tais transformações revelaram-se para as mulheres entrevistadas como ganhos nos seguintes aspectos de sua vida pessoal e profissional: ser mulher e dona de suas próprias escolhas; ter a possibilidade de passar em um concurso público; dar aula tendo domínio dos conteúdos ensinados; não culpabilizar vítimas através da legitimação de fatores excludentes da sociedade; não naturalizar fatos históricos como algo pronto e acabado e; entender que todas estão em processo constante de transformação.

A fim de contemplar os objetivos propostos, ancoramo-nos no referencial da Educação Popular, em especial na teoria de Paulo Freire.

A pesquisadora esteve em campo com sete colaboradoras durante os quatro anos de graduação das mesmas em Pedagogia da Terra, convivendo, aprendendo, ensinando, despidendo-se de pré-conceitos e fortalecendo-se nesta caminhada, em comunhão:

Na relação de comunhão, conhecimentos são colocados à disposição e respeitados num processo de conscientização de todos e de ampliação do conhecimento acerca daquela realidade. Impossível, pois, nesta relação, tanto girar sem saída em torno do senso comum, quanto girar em torno do conhecimento sistemático do educador, como expressão inequívoca da realidade que se quer transformar. (OLIVEIRA et al., 2009, p. 313).

Para a coleta de dados realizaram-se entrevistas semiestruturadas com sete pedagogas da terra de seis assentamentos do estado de São Paulo, em um período de cinco meses, de junho a outubro de 2012.

Fazer pesquisa com as classes populares implica em ter consciência de que não vamos falar para as pessoas, mas com as pessoas. O diálogo estabelecido entre pesquisadora e colaboradores (as) da pesquisa é um diálogo igualitário, em que ambos conseguem aprender com a experiência do outro. A troca de saberes é ponto de partida. Deter-nos-emos nesse momento em justificar nossa escolha por querer estar ao lado dessas pessoas, que por muitos são vistas como “invisíveis”, sendo entendidos como “[...] os homens e as mulheres que não tem a possibilidade – uma vez que esta lhe é negada – de

ter a identidade reconhecida fora de seus grupos e comunidades de origem, encontrando-se oprimidos pelo desrespeito à sua relevância histórica, social ou cultural” (SOUZA; AMARAL, 2009, p. 3).

Caminhar com eles (as) significa acreditar que é possível rompermos com um modelo de sociedade que exclui, oprime e retira dessas pessoas seus direitos. Acreditamos que é possível ajudar a construir uma sociedade mais humanizada, que consiga estabelecer novos diálogos, novas esperanças. É preciso saber como andar e estar entre pares, entre pessoas que acreditam e querem dialogar, como descrevem Oliveira e outros (2009, p. 13):

Há um olhar interior, que enxerga o invisível, que se vale de todos os sentidos. Se o olho não vê, há sempre a possibilidade de busca de outros referenciais. Se o olho vê, podemos nos perguntar sobre o que vemos, também buscando outros referenciais. Olhar, sentir, tocar, ouvir, fazer. Estranhar e amadurecer o estranhamento, perguntar-se, perguntar. Nesse olhar, permitir-se um espaço entre as cenas, espaço de reflexão, de suspensão, de pergunta que nos prepara para melhor compreender o que se dará a ver a seguir.

Mais importante do que alcançar um resultado é compreender o processo de entender as relações entre as pessoas e com elas, em um processo de comunhão, como já nos ensinava Freire (2005a), na compreensão conjunta de si e do mundo que se tece na intersubjetividade, em comunhão com as outras pessoas. É na alteridade que se pode estar realmente com o mundo, como destaca Amaral (2010, p. 79):

O processo e o dinamismo da conscientização e da ampliação de visão de mundo com as pessoas tornam relevante esta investigação, pois, ao formar pedagogos da terra, estes têm que estar exatamente com o mundo e com os outros para que essa formação seja um diferencial na luta desse povo, na busca permanente pela sua libertação.

A partir da convivência nesses quatro anos durante o curso de Pedagogia da Terra, pudemos estreitar laços, tecer amizades e também estabelecer parcerias, que foram muito interessantes, pois enquanto aprendíamos com as estudantes do curso, também revíamos conceitos, começávamos a nos questionar e questionar o que para nós era algo dado. Passávamos a entender que o processo de

libertação não acontece de uma hora para outra, mas são histórias de vida (e muitas vezes de morte também).¹

O conhecimento foi se construindo na práxis com as colaboradoras dos movimentos sociais que estavam na Pedagogia da Terra. Mulheres de assentamentos do estado de São Paulo, que, estando na universidade, puderam estar mais no mundo, com outras pessoas, fazendo história, ensinando e aprendendo, assim como Oliveira e outros (2009, p. 6) nos sugerem:

Os atores são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, lutando pela sua existência. Não são, portanto, essas pessoas, meros receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual vivem.

O estar em comunhão ainda pressupõe que as pessoas que estão caminhando conosco na pesquisa não são objetos dela, mas colaboradoras do processo, ou seja, estamos juntos construindo um percurso que é de todos e todas, e devemos nos projetar dessa maneira em busca de um ideal em comum. Nesse contexto, o sujeito é o colaborador, o ser humano integrado à realidade criticamente, transformando-a com sua práxis (SOUZA; AMARAL, 2009).

Outra postura política que assumimos ao fazer pesquisa com o povo é a militância ou o engajamento pessoal frente às escolhas que fazemos.² Estar com o povo é uma escolha política. Reafirmamos a favor de quem estamos e contra quem estamos. O engajar-se faz parte de um ato consciente, pois não basta dizermos que somos contra isso ou contra aquilo, mas o que vamos fazer junto com o povo para transformarmos o meio que não aceitamos. O engajar-se é fazer escolhas que nos movam para lugares que não conhecemos e, por não conhecermos, nos desafiamos no processo curioso de aprender mais sobre a “curiosidade que só tem

quem, sabendo que sabe, sabe que sabe pouco e que precisa e pode saber mais” (FREIRE, 1992, p. 97).

“O engajamento existe como uma forma de militância que acredita, porque vê e compreende os sentidos e respeita os movimentos desenvolvidos pelas pessoas ou grupos que acompanham em suas pesquisas” (SOUZA; AMARAL, 2009, p. 7).

É necessário destacar que alguns dos saberes das classes populares estão fincados na sua experiência de vida e, por isso, podem ser diferentes dos nossos. As classes populares podem nos contar sobre suas experiências, podemos trocar saberes, mas nós nunca iremos conseguir apreender exatamente o que as pessoas estão nos falando, pois faz parte da vida delas. Nós, enquanto pesquisadoras que estão nas/com as comunidades, procuramos compreender os saberes e não achar que o nosso saber irá complementar o saber do povo, não há escala de superioridade, são apenas saberes diferentes, partidos de históricos e vivências distintas, como nos mostra Valla (1996, p. 179):

É provável que dentro da concepção de que os saberes dos profissionais e da população são iguais, esteja implícita a ideia de que o saber popular mimetiza o dos profissionais. Se a referência para o saber é o profissional, tal postura dificulta a chegada ao saber do outro. Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, a partir de suas vivências, que são vividas de uma forma distinta daquela vivida pelo profissional. Nós oferecemos nosso saber porque pensamos que o da população é insuficiente, e por esta razão, inferior, quando, na realidade, é apenas diferente.

Quando falamos de saberes distintos, de engajamento político, também estamos falando de intencionalidade. Fazer pesquisa com o povo significa dizer qual a intenção que temos ao nos propormos estar com ele. A intencionalidade é um passo fundamental para a fidedignidade da pesquisa, ou seja, se estou de corpo na pesquisa e com as pessoas, vou assumir um compromisso de ser fiel ao que dizem as pessoas com quem estou. Através desta metodologia, escolhemos, de maneira intencional, o como ouvir, o como analisar e o como dialogar com as pessoas envolvidas no processo.

Por meio do nosso corpo conheceremos o Outro, e com nosso corpo no mundo seremos capazes de perceber as pessoas, de desvelar com elas saberes

1 A convivência com as pessoas do curso possibilitou o processo de trocas de aprendizagens; enquanto a universidade vinha com a teoria, essas mulheres traziam suas experiências de vida e, desta forma, foi possível entender a práxis proposta por Paulo Freire, em que a teoria e a prática encontram-se em busca do processo de libertação.

2 Estar com essas mulheres sem terra é acreditar e apoiar uma causa maior, que é o compromisso de transformação social que está no seio desta formação, entendendo a Pedagogia da Terra como um fator importante no desenvolvimento dos assentamentos rurais e no processo de Reforma Agrária.

que ainda não estavam expostos ou postos ao mundo. É pesquisa de corpo encarnado:

Enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso e espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 194-195).

É nesse momento que sentimos nosso corpo responder aos estímulos da pesquisa, sentimentos de inquietude, de revolta, de receio; é o corpo falando frente ao desconhecido, é nesse momento que nos percebemos como seres inacabados em procura do saber mais. “O incômodo que sentimos possibilita experienciar percepções que, mesmo quando sabidas teoricamente, nos eram estranhas, e cuja assunção ou não a partir desse encontro vivido, desvela significados que pontuam nossa pesquisa” (SOUZA; AMARAL, 2009, p. 9).

Para a realização da pesquisa citada optamos pela metodologia pautada nos princípios da educação popular que, atrelada aos movimentos sociais, se insere no interior das relações de poder, na luta contra a ordem hegemônica elitista que se instala na sociedade. A luta pela emancipação dos sujeitos oprimidos e explorados está no seio dos movimentos sociais, tal como no da educação popular.

É o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; é a capacitação científica e técnica (FREIRE; HORTON, 2009). O conceito popular abriga conotações muito distintas entre si, apontando desde a ideia de classe social até as classes subalternas, de pobres, marginalizados (as), oprimidos (as) e excluídos (as). Já o termo popular dirige-se a todas as camadas da população, com atenção especial para aquelas que estão despossuídas de bens, saberes ou poderes legitimados.

Para Streck (2006, p. 32), “a educação popular não tem como ponto de partida um único lugar e também não tem como ponto de chegada um único projeto”. O autor defende que o ponto de partida pode ser as mulheres, os povos indígenas, os camponeses, os desempregados, entre outros. Cada um desses segmentos sociais tem suas formas de organização pautadas em lutas e projeto de

sociedade, e o ponto de chegada pode variar desde a ampliação de espaços na sociedade já existente até a criação de um modelo alternativo, parcial ou totalmente distinto daquele que existe.

A educação popular justifica-se ao passo que o povo, no processo de luta pela transformação, precisa elaborar o seu próprio saber. Ela está vinculada a um projeto social e transformador, enfrentando a distribuição desigual dos saberes e incorporando o saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. A educação popular vem sendo cada vez mais desenvolvida no interior de práticas sociais, sendo nesse interior que reside a sua força e sua incidência. Como diz Brandão (2006), não é somente em uma sociedade transformada que se cria uma nova cultura e um novo ser humano. É ao longo do processo coletivo de transformá-la que as classes populares se educam na própria prática com o aporte da educação popular.

A finalidade, portanto, da luta dessas forças culturais, mobilizadoras e organizadas em novos movimentos sociais será radicalizar a democracia, ou seja, levar as exigências democráticas às suas últimas consequências. É nesse sentido que os movimentos sociais e os movimentos de educação popular adotam Paulo Freire como uma de suas matrizes teóricas, pois foi ele quem abriu um caminho importante ao explicitar toda a sua reflexão em torno do processo de produção do ser humano como sujeito, da potencialidade educativa da condição de oprimido e do esforço de tentar deixar de sê-lo, tentar transformar as circunstâncias sociais dessa sua condição, engajando-se na luta por libertação.

Freire (2005a) nos mostra a necessidade do desvelamento do mundo com os sujeitos, do diálogo permanente com eles, para promover a libertação e também outra visão de mundo que não seja a dominante imposta. A alteridade é aqui ponto central, através dela pode-se realmente estar com e no mundo. O processo e o dinamismo da conscientização e da ampliação de visão de mundo com as pessoas tornam relevante essa investigação, pois, ao formar pedagogos da terra, estes têm que estar exatamente com o mundo e com os outros para que essa formação seja um diferencial na luta desse povo, na busca permanente pela sua libertação.

Destacamos a pesquisa com base na educação popular, pois partimos do princípio de que assim

como não existe um vazio de poder, também não existe um vazio de saberes e de cultura. O que há é o silenciamento dos saberes de grupos marginalizados como legítimo dentro daquilo que se convencionou chamar de ciência ou de conhecimento (SOBOTKA; EGGERT; STRECK, 2006). A pesquisa com base na educação popular tem como intuito trazer à tona a sabedoria e a tradição popular, pretendendo que essas nos ofereçam pistas para enfrentar a crise social em que vivemos. Tem como propósito trabalhar na perspectiva da práxis, assim como da inserção da ciência popular na produção do conhecimento científico.

No processo da pesquisa pautada na educação popular, tivemos a oportunidade de vivenciar aquilo que Freire defendia, ou seja, “deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares” (FREIRE, 1983, p. 36), entendendo que o aprendizado não se refere apenas ao conhecimento geral ou técnico, mas como oriundo da educação popular/dos movimentos sociais, que consideram o conhecimento para o exercício da cidadania, para a convivência, para o respeito à diversidade cultural e reconhecimento do “outro” enquanto sujeitos de suas vidas. Reforçamos aqui, portanto, apoiados nos referenciais teóricos e na partilha com algumas pessoas de movimentos sociais do campo, o caráter educativo presente nos movimentos sociais, um espaço comunicativo, de construção de conhecimento através dos debates estabelecidos no coletivo, das lutas diárias (por terras, mas também por dignidade), enfim, “é a manifestação pública dos sujeitos e de seus objetivos” (FERNANDES, 2005, p. 237).

Durante a convivência com os movimentos sociais (desde 2008), pudemos notar o amadurecimento da pesquisadora e das colaboradoras em relação ao posicionamento frente à pesquisa e às diferenças sociais e culturais postas na sociedade. Também pudemos visualizar o processo de tomada de consciência em relação à maneira de enfrentamento das dificuldades estabelecidas para romper as barreiras dos pré-conceitos entre todos e todas.

Fazer pesquisa com os movimentos sociais e, ao mesmo tempo, ter que se “distanciar” deles para ter um olhar crítico não é fácil. Corremos risco de não sermos imparciais. A pesquisa nos exige sermos fidedignos à realidade, porém, por outro lado, temos

que manter nossa coerência e humildade para não correremos o risco de separarmos a teoria acadêmica da prática da vida cotidiana. O desafio dessa pesquisa é exatamente esse, destacar que a tese em questão não teria sido possível sem o caminhar com as pessoas, sem a proximidade e o entendimento de que o que ensina e que mantém o processo vivo e criativo é ir ao encontro das práticas educativas que rompem com o tradicional depositário da sociedade burguesa, que diz que só há saber nos livros, que só se aprende na sala de aula e que o professor é quem detém o conhecimento.

A tese foi fruto do encantamento e, ao mesmo tempo, do desvelamento de justificar que há muito saber que precisa ser evidenciado, mas não por nós pesquisadores (as), mas pelos próprios sujeitos. A metodologia da educação popular, os ensinamentos deixados por Paulo Freire, por exemplo, nos dão pistas de como fazer, não para copiar e nem seguir exatamente o que ele escreveu, mas reinventar maneiras, criar espaços e meios para que as transformações realmente ocorram, pelas mãos de quem as vive.

É nesse contexto que escolhemos como percurso metodológico de pesquisa conceitos-chave que não nos afastam do cotidiano dos movimentos sociais e da pesquisa na educação popular. Os conceitos destacados foram selecionados após leituras de obras clássicas da educação popular,³ diálogos com pessoas dos movimentos sociais, no intuito de tentarmos nos aproximar dessa realidade e sentir quais leituras mais se aproximavam dela.

Releitura do pensamento de Paulo Freire para a construção do método de pesquisa

Traremos aqui as contribuições teóricas de Paulo Freire para fazermos o exercício do diálogo com as mulheres sem terra em processo de transformação social e tecermos o caminho metodológico da pesquisa com elas. O objetivo é revisitarmos alguns de seus conceitos a fim de entendermos como se

³ Os autores/ conceitos escolhidos foram: Paulo Freire (trazendo os conceitos de diálogo, conscientização e saber de experiência); Carlos Rodrigues Brandão (fazendo a ponte entre educação popular e movimentos sociais) e Roseli Salet Caldart (evidenciando o movimento social como princípio educativo).

dá o processo de luta e transformação nas classes populares do campo, que busca sempre o “inédito viável”, ou seja, o momento exato para a realização da transformação, para poder se libertar e libertar seus opressores na busca de uma sociedade menos feia, menos injusta e, nas próprias palavras de Freire (1992, p. 199), “mais fácil de amar”.

As mulheres e os homens, ao perceberem seus corpos condicionados às barreiras e aos obstáculos que as (os) impedem de estar no mundo com seus direitos assegurados, passam a procurar mecanismos para sobreviver a essas “situações limites” e, através do que Freire (1992) chama de “atos limites”, buscam a superação do que está sendo negado, buscam o “inédito viável”, que poderia ser denominado como impossível de acontecer, mas que, pela ação de cada um, enquanto sujeitos que estão condicionados às coisas do mundo e não determinados por elas, fazem tornar-se realidade.

As mulheres camponesas, ao entrarem nas universidades públicas para cursar Pedagogia da Terra, estão na busca de romper com décadas de negação ao acesso à educação para os povos do campo. Estão nesse momento criando o inédito viável, ao transpor a barreira do esquecimento e do preconceito que os povos camponeses sofrem. Dentro das universidades estão fazendo transformação social à medida que aprendem a ler a sociedade em que vivem (através do estudo das teorias e dos conhecimentos historicamente produzidos) e ensinam os saberes populares às pessoas que com elas convivem no meio universitário.

Freire (2005a, p. 118) contribui no fazer pesquisa com as classes populares quando reforça a ideia de que “quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos”.

Podemos aqui fazer uma relação direta com a metodologia desta pesquisa, pois quando Freire (2005a) traz que o educador não deve falar ao povo sobre a visão de mundo que ele tem, mas sim dialogar com o povo sobre a dele e a do povo, pois, nós, enquanto pesquisadoras, não podemos achar que temos o direito de falar, por exemplo, sobre a Reforma Agrária e sobre a educação nos assentamentos somente a partir do nosso ponto de vista, sem primeiro escutarmos e entendermos a visão dos (as) assentados (as) da reforma agrária, das

pessoas que estão nos assentamentos trabalhando com educação.

A conscientização em contato com o mundo e com os seres humanos torna-se importante dentro desta pesquisa, pois, ao se formarem pedagogas da terra, elas têm que exatamente estar com o mundo e com os outros para que essa formação seja um diferencial na luta desse povo, na busca permanente pela libertação de seu povo.

Destacamos também nesta pesquisa o que Freire (2005b) nos ensina, dizendo que quanto mais pensamos criticamente e rigorosamente nossa prática e a prática do outro, mais temos a possibilidade de compreender a razão de ser dessa prática e, com isso, somos capazes de ter uma prática melhor, de utilizarmos a experiência enquanto professor, inserida em uma prática social.

Educadores (as) e pesquisadores (as) precisam ter uma postura humilde e conscientizadora, ou seja, não ter certezas universais, mas tomar consciência que o ato de conhecer não pode ser neutro, mas também não é indiferente. O diálogo com os diferentes setores da sociedade – camponeses, professores, cientistas – nos faz um ser em construção e em movimento no processo de busca de coerência. A produção de conhecimento deve considerar a relação entre a teoria e a prática, no sentido em que uma necessita da outra. “A prática não é a teoria de si mesma. Mas, sem ela, a teoria corre o risco de perder o tempo de aferir sua própria validade como também a possibilidade de refazer-se” (FREIRE, 2005b, p. 106).

No processo de fazer pesquisa com as classes populares, Freire (2005b) nos ajuda a pensar no estar com elas e trabalhar no sentido não de erigi-las em proprietários da verdade e da virtude, mas estar com elas para respeitar sua cultura, suas experiências, aprender com elas para também poder ensiná-las.

Ainda sobre a produção de conhecimento, Freire (2006) nos chama a atenção para duas coisas: em primeiro lugar, sobre a rigorosidade na produção do conhecimento e, em segundo lugar, em relação à militância.

O autor destaca que “a paixão com que conheço, falo ou escrevo não diminuem o compromisso com que denuncio ou anuncio” (FREIRE, 2006, p. 18). O que importa é compreender que sabemos algo,

porém este não é um saber absoluto, sempre poderemos saber mais e adquirir novos conhecimentos. Traz ainda que não é o conhecimento científico que é rigoroso, mas que a rigorosidade está no método de aproximação do objeto, ou seja, “a rigorosidade nos possibilita maior ou menor exatidão no conhecimento produzido ou no achado de nossa busca epistemológica” (FREIRE, 2006, p. 78). Podemos destacar aqui o papel dos (as) pesquisadores (as) enquanto sujeitos curiosos e que estão em busca de saber mais, saber coisas que ainda não sabem, na produção de novos saberes junto aos seus sujeitos de pesquisa, o que trará, assim, a rigorosidade e a fidedignidade da pesquisa, o saber fazer pesquisa com as pessoas e não sobre elas.

Ao nos colocarmos enquanto pesquisadoras que atuam com movimentos sociais, reafirmamos nossa militância ao concordar com a não possibilidade de sermos teóricas em um dia e militante em outro. É postura ética, é postura assumida. O militante e o teórico jamais podem se separar, os dois caminham juntos, são objetos da mesma ação de libertação, como nos ensina Freire (2006, p. 70): “Pode ser que se argua que meu discurso é inapropriado, pois, falo como militante quando deveria falar como teórico e vice-versa. Recuso tal dicotomia: não sou teórico, digamos, nas quartas e militante nos sábados”.

Estar com os sem terra não nos faz ser sem terra, nem ao menos nos faz ser do MST, mas estando com eles e elas, militamos na causa, acreditamos em um novo projeto de sociedade e nem por isso somos menos teóricas ou estamos fazendo panfletagem de movimento social, pelo contrário, estamos sendo militantes representando valores e sendo éticas com o que acreditamos.

É o nosso corpo que nos permite reconhecer o Outro e a multiculturalidade da sociedade. Essa multiculturalidade que surge nas ruas, na expressividade dos grupos e para a qual a pesquisa em práticas sociais se move originada pelo processo social e histórico de seus e suas participantes: pesquisadores, pesquisadoras, colaboradores, colaboradoras. São pesquisas que se constituem por uma aproximação política, engajada e, intencionalmente voltada para o desvelamento e compreensão dos saberes daqueles e daquelas que comungam o desenvolvimento da investigação. É uma pesquisa de corpo encarnado (SOUZA; AMARAL, 2009).

A proposta de estar com mulheres sem terra, formadas em um curso de Pedagogia da Terra, é a escolha de estar com pessoas que são a favor de uma nova constituição social, de uma nova forma de fazer educação. Paulo Freire (2005b), nos falando de educação progressista, de educadores (as) progressistas, nos dá a esperança que precisamos para continuarmos acreditando em cursos como esse, acreditar que é possível através do diálogo e da cooperação entre homens e mulheres construirmos um novo modelo de educação e sociedade mais justa e humana.

A seguir construiremos o pensamento com a ajuda de três conceitos de Paulo Freire que nos ajudarão a justificar a escolha por essa metodologia, são eles: diálogo, conscientização e saber de experiência.

Diálogo

A escolha metodológica pressupõe que as pessoas envolvidas estejam em constante diálogo, entendendo que este é uma ferramenta que possibilita maior troca de experiência e estabelece um canal comunicativo aberto entre todos e todas. Nesse momento, é importante traçar o percurso metodológico que foi utilizado para que a pesquisa acontecesse e isso não poderia ser feito dentro de outro tópico a não ser aqui, no diálogo.

O curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) formou sua primeira turma em novembro de 2011, e durante os quatro anos dessa graduação foi possível estabelecer muitas trocas com os (as) estudantes, suscitando a curiosidade de, mesmo depois da turma formada, continuar de alguma maneira perto dessas pessoas.

Para conseguir estar com as pessoas do curso foi necessário entender na essência o que Freire (2005a) nos ensina do “estar com os outros no mundo”, ou seja, aproveitar cada segundo de tempo para aprender e ao mesmo tempo ensinar o que sabemos às pessoas que convivem ao nosso redor, no sentido de estar em uma verdadeira comunhão. Para que isso aconteça, é preciso compreender o que Paulo Freire chama de diálogo, que não é um simples conversar, um simples “um fala e o outro escuta”:

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana, ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo, afastam-se dele e com ele coincide, nele põem-se e opõem-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É, ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. (FREIRE, 2005a, p. 9-10).

É nesse sentido que o diálogo estabelecido com a classe popular, no caso, com as pessoas dos movimentos sociais do campo, foi de suma importância para que cada um fosse tomando consciência de seu papel e, com isso, mudando seu agir e pensar a fim de construir um pensamento que apontasse para o mesmo sentido, ou seja, que mirasse para o mesmo objetivo, que era garantir uma educação de qualidade à classe trabalhadora dentro de uma universidade pública. No processo de distanciar-se e aproximar-se dos problemas que fazem parte da vida dessas pessoas, elas próprias, como sujeitos de sua história, em diálogo entre diferentes pessoas, passam a transformar suas vidas.

Vemos aqui a necessidade de conviver com as pessoas em suas comunidades, ou em qualquer espaço, aprender com elas e fazer com elas uma leitura de mundo. A Universidade precisa entender que não basta trazer as classes populares para dentro, pois é preciso saber dialogar com elas, e dialogar não significa somente ouvi-las, mas sim estabelecer trocas de conhecimento, estabelecer vínculos de comprometimento, pois não há neutralidade na educação; a Universidade precisa posicionar-se politicamente e deixar claro a serviço de quem está atuando, como destaca Gohn e Zancanella (2012, p. 61-62):

Tal busca teve como justificativa o caráter histórico da exclusão na educação nacional, que desde o seu princípio primou pela desigualdade e contemplou a elite na formação educacional, caracterizando-se desde cedo como a exclusão de uns e o privilégio de outros. São ainda visíveis as desigualdades na educação, com relação tanto ao acesso quanto à qualidade, em diferentes níveis de escolarização e com maior ênfase no ensino superior [...] Não é o caso de relegar a natureza individual das atividades da universidade, nem de que os professores sejam dispensados e alunos dos movimentos sociais tomem

seus lugares; ao contrário, quando o assunto é propor um novo modelo de produção do conhecimento, pretende-se que os alunos e os professores se tornem parceiros em um processo formativo, aceitando o novo por parte de cada um dos envolvidos, de seus saberes e conhecimentos acumulados.

Portanto, estar com as classes populares é assumir um compromisso político de solidariedade e de ética. Ao mesmo tempo em que denunciemos, nos movemos no sentido de buscar anunciar novos rumos, novas perspectivas. A entrada dos movimentos sociais do campo dentro das Universidades abre possibilidades de enriquecimento para ambos, favorece o conhecimento de novas culturas e ajuda na transformação social, ao passo que transforma as relações sociais.

Durante todo o convívio com essas pessoas foi possível notar que estar entre diferentes é essencial para a construção de relações mais humanizadas e horizontalizadas. Estávamos entre pessoas de movimentos sociais diferentes, de assentamentos diferentes, com culturas e histórias de vida totalmente particulares, o que, a princípio, gerou muito atrito e muitas tensões, porém, quando todos e todas perceberam que as pessoas eram, sim, diferentes, mas que o objetivo de todos (as) ali era o mesmo, o diálogo começou a existir e, com ele, veio o respeito, e com o respeito veio a coletividade, e com a coletividade vieram os ganhos, e as mudanças começaram a acontecer em prol dos que, ao fazerem por si, faziam pelo grupo, como nos diz Freire (2005a, p. 10): “a palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo”.

Com o caminhar da pesquisa não foi diferente. O diálogo entre as colaboradoras da pesquisa e a pesquisadora foi se fazendo da maneira mais genuína possível, no sentido de ambas conseguirem entender o ponto de vista de cada uma, pois a pesquisadora jamais conseguirá colocar-se no lugar das colaboradoras e estas jamais conseguirão colocar-se no lugar da pesquisadora. Cada uma delas parte do mundo em que vive e das experiências de vida que trazem, porém, o que é possível acontecer é que, através do diálogo, ambas consigam, de alguma maneira, vislumbrar, admirar o mundo da outra, aprender com ele e trocar experiências a fim de educar-se no e com o mundo.

O diálogo, para Freire (2005a), é este encontro homem–mundo, o diálogo é uma exigência existencial segundo ele. O que não pode ocorrer é um sujeito depositar suas ideias no outro, nem buscar a verdade, nem impor a sua. A conquista do diálogo, segundo ele, não é de um sujeito pelo outro ou sobre o outro, mas sim com o outro. Traz a importância da humildade, e sem ela não há diálogo.

Mesmo antes da realização e proposta das entrevistas, foi necessário que ambas as partes se vissem como parte do processo, ou seja, a pesquisadora fazendo pesquisa se educa e as colaboradoras também, em um diálogo autêntico, em esperança, em humildade, em simpatia. É um processo de reconhecimento enquanto seres humanos, marcando e destacando cada vez mais com quem queremos caminhar e de que lado estamos ao buscar a superação de modelos opressivos, como nos ensina Freire (2005a, p. 14):

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar.

Para Freire (2006), um conceito central e que no processo de construção do conhecimento deve ser levado em conta é a “dialogicidade”. Para o autor, a dialogicidade pressupõe uma seriedade, não é um simples “tagarelar”. Na dialogicidade as pessoas que perguntam as coisas sabem a razão por que o fazem, ou seja, é uma busca crítica do saber. Destaca-se nesse contexto a importância da curiosidade epistemológica, a preocupação em aprender e, para ele, o educador progressista tem como papel desafiar essa curiosidade dos educandos, para que juntos possam partilhar a criticidade. Destaca que sem a dialogicidade não há comunicação:

A relação dialógica – comunicação e intercomunicação entre sujeitos, refratários à burocratização de sua mente, abertos à possibilidade de conhecer e de mais conhecer – é indispensável ao conhecimento. A natureza social deste processo faz da dialogicidade uma relação natural a ele. Nesse sentido, o anti-diálogo autoritário ofende a natureza do ser humano, seu processo de conhecer e contradiz a democracia. (FREIRE, 2006, p. 80).

Freire (2005a) destaca também a esperança como fundamental para o diálogo, pois esta leva os homens e as mulheres a uma eterna busca. O diálogo é o encontro dos seres humanos para serem mais, não pode fazer-se na desesperança.

Freire (1992) distingue logo no começo de sua obra o diálogo do simples “blábláblá” autoritário e sectário. O que ele chama de diálogo é quando os sujeitos em comunicação defendem sua identidade e ao mesmo tempo crescem um com o outro, ou seja, implica o respeito entre as pessoas que dialogam para que estas consigam aprender umas com as outras.

O conceito de diálogo em Paulo Freire não pode ser descontextualizado, por exemplo, do processo de ensinar e aprender. Em um processo dialógico, ao mesmo tempo em que se ensina, se aprende, em um movimento que não é de cima pra baixo, mas sim horizontal. O mesmo acontece no diálogo com as classes populares, em que técnicos, professores e pesquisadores não podem estender a fala a essas pessoas como se elas nada tivessem a dizer. Precisam dialogar de maneira que, ao mesmo tempo em que levam conhecimento, estejam dispostos a aprender o contexto de mundo dessas pessoas. O diálogo efetivo se dá nas trocas e não na imposição de informações ou saberes.

Destacamos a seguinte passagem, quando Freire (1996, p. 81) disserta sobre a relação com os grupos populares:

Se, de um lado, não posso me adaptar ou me ‘converter’ ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impor-lhes arrogantemente o meu saber como verdadeiro. O diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua ‘incompetência’ para explicar os fatos.

O autor, nessa passagem, nos ajuda a pensar a real importância da humildade dos (as) pesquisadores (as) e professores (as) ao estar com as classes populares, ao conversar com elas sobre sua condição (ou não) de opressão. Considerando os saberes das classes populares, percebemos que temos muito que aprender com elas, para somente depois pensar em lhes ensinar algo. Isso vai ao

encontro da produção de conhecimento, pois ao percebermos que sabemos coisas, mas que ainda podemos saber mais, nós estamos contribuindo para a construção de novos conhecimentos, baseados no diálogo e no respeito.

O dialogar com mulheres sem terra, que agora são pedagogas, educadoras populares, nos faz entender a profundidade dessa formação de Pedagogia da Terra. Ser mulher, educadora e sem terra tem no seu seio a construção do conhecimento que foi feita desde que elas chegaram à Universidade, passando pelo processo de estarem em outro ambiente, com pessoas diferentes e, agora, de retornarem para seus assentamentos e terem que colocar em prática o que aprenderam, para somar ao que elas já sabiam.

Junto ao diálogo, outro aspecto a ser destacado durante a pesquisa foi o processo de conscientização, que se deu ao longo do convívio e no momento da coleta de dados ficou muito evidente as transformações que as pessoas envolvidas passaram durante o curso que fizeram. É o que trataremos no próximo tópico.

Conscientização

Para entendermos o processo de conscientização pelo qual as licenciadas em Pedagogia da Terra passaram ao longo de suas vidas (e ao longo do curso) é preciso anteriormente entendermos dois outros conceitos, também freireanos, que são: opressão e libertação, em que um não existe sem a presença do outro. Mas, enfim, quem são os (as) oprimidos (as)? Por que são oprimidos (as)? Quem os (as) oprime? Essas são algumas poucas perguntas que precisamos fazer para começarmos esse nosso diálogo.

Na perspectiva freireana, os (as) oprimidos (as) são aquelas pessoas que são impedidas de ser gente em sua mais simples forma de ser. São pessoas que têm direitos básicos negados, que têm suas vidas paralisadas pela exploração e manutenção de uma classe dominante. Os (as) oprimidos têm sua liberdade cerceada, têm sua humanidade roubada, os faz ser menos. Esse processo contraditório entre opressores e oprimidos leva os oprimidos a lutarem contra o que os oprimem, leva os oprimidos a buscarem sua liberdade e retomarem sua humanidade,

em um movimento de re-criarem suas vidas e, nesse movimento, ao se libertarem, libertam também os opressores. Para entender como ocorre essa libertação é preciso reconhecer e conhecer como ocorre a conscientização dos (as) oprimidos (as), que nunca ocorre por acaso.

Fazendo a contextualização para as mulheres assentadas, que agora são educadoras da terra, podemos tentar compreender como elas rompem diariamente modelos machistas que promovem interdições ao longo de suas vidas. Através da luta diária pela libertação desse modelo, elas conseguiram entrar em uma universidade pública e se formar em um curso de nível superior. Como afirma Freire (2005a, p. 38), “a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.

Com o caminhar da pesquisa, na convivência com as mulheres, foi possível vivenciarmos vários partos (reais, porque algumas foram mães durante o curso), mas também no sentido que Freire diz. Vimos mulheres conscientizando-se e entendendo seu papel na sociedade e por que estavam na universidade, participando de um curso de formação de educadoras, e isso também nos conscientizou enquanto pesquisadoras. A solidariedade assumida entre nós era verdadeira, em um processo de radicalização e superação da ordem instaurada.

Durante a coleta de dados foi possível perceber, na fala de cada uma das mulheres, o quanto elas haviam mudado no período de quatro anos. Muitas das afirmações que elas faziam eram a retomada do que elas já haviam dito antes, porém frases refeitas, frases com outra reflexão, comprovando o ser incompleto no mundo, que está sempre aprendendo, transformando-se e transformando o mundo em que vive, numa práxis. A superação da contradição opressor-oprimido, do entendimento dessas mulheres do por que se encontram na condição de sem terra, de mulheres camponesas pobres, está na “inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela” (FREIRE, 2005a, p. 42).

Com o passar do tempo, foi possível compreender como essas mulheres conseguiam agora entender e não mais aceitar sua condição, sua história de

vida. Conhecendo sua história, elas iam tomando-a pelas mãos e atuando intencionalmente para mudá-la, para escrever a história das mulheres assentadas do estado de São Paulo de outra maneira, em uma perspectiva humanística e dialética. Através da percepção desses acontecimentos, junto com essas mulheres, a pesquisa foi tomando corpo, foi ganhando significado, foi se fazendo e refazendo.

O fazer pesquisa e o conscientizar-se junto com as pessoas é uma escolha metodológica assumida, para mostrar e demonstrar o tempo todo do lado de quem está. Subverter a ciência, trazendo novos saberes à tona, é também um dos papéis desta pesquisa.

Por fim, temos o saber de experiência, que nos auxilia no entendimento que somos seres em constante formação, em contato com o mundo e com as pessoas, e que há várias formas de aprender, de ensinar e de compartilhar os saberes.

Saber de experiência

Outro aspecto que foi substancialmente importante nesta metodologia de pesquisa foi compreender que pouco sabemos, que temos muito que aprender e que todas as pessoas, independente de sua origem, cultura e classe social, também sabem muitas outras coisas. Considerar que certo saber não está superior a outros é fundamental para conseguirmos fazer pesquisa junto à classe popular, e somente assumindo uma postura realmente humilde isso é possível, isso nada mais é do que a “educação dialógica”, que Valla e Stotz (1993 apud OLIVEIRA, 2003, p. 12) nos trazem:

[...] acontece no trabalho conjunto e no intercâmbio, em que todos aceitam como valiosas as diferentes contribuições de cada um, embora oriundas de diferentes bases (seja do conhecimento acadêmico, seja do conhecimento popular, por exemplo). Combinando-se os conhecimentos, as opiniões, as reflexões, as visões de mundo de todos, cada um se fortalece e também a comunidade, no sentido da construção da cidadania.

O intercâmbio de conhecimentos possibilita que conheçamos o diferente, que nos interessemos por algo que nos é desconhecido e, nesse processo, que passemos a construir novos saberes. A inserção

de pessoas acadêmicas nas comunidades e vice-versa ajuda a quebrar estereótipos e preconceitos cristalizados em nossa sociedade, que valoriza o saber científico e desqualifica o saber popular. Um exemplo disso foi a entrada dos movimentos sociais do campo nas universidades públicas no país. Pudemos notar que a experiência de vida que essas pessoas têm, dialogada com os saberes científicos, coloca em questão a real função da educação, da universidade e do conhecimento. Passa-se a questionar o educar para quê? Para quem? Para quem serve a ciência? Questões que nos mostram o quão arrogante a academia pode ser em não considerar que o saber está sendo diariamente construído por todos e todas.

O saber de experiência também permite que ao conhecer e compreender sua história, cada indivíduo assuma seu papel, trazendo a responsabilidade da transformação também para suas mãos. A curiosidade e a problematização dos fatos é o que mantém a chama acesa para que os indivíduos não se conformem com a situação dada. O pensar das classes populares, refletindo a sua própria vida, sua prática, possibilita o pensar certo.

Para a pesquisa com as classes populares, não podemos desconsiderar esse fato. O diálogo com os saberes populares nos tira da ignorância de que somente os (as) pesquisadores (as) estão construindo o conhecimento e que somente esses conhecimentos são e serão válidos.

Algumas considerações

Por fim, é necessário dizer que a metodologia utilizada nasceu e fortaleceu-se pela possibilidade de caminhar com as colaboradoras da pesquisa durante os quatro anos da graduação em Pedagogia da Terra. Continuar tendo contato com elas após a formação nos possibilitou uma proximidade e garantiu que pudéssemos nos apoiar em autores que consideram a convivência, o diálogo, a amabilidade, a comunhão, a esperança, o respeito e as trocas como fatores essenciais na produção de conhecimento. Através da práxis com as mulheres sem terra que estavam conosco na pesquisa, foi possível quebrar muitos pré-conceitos, estabelecer novas relações entre os saberes populares e os

saberes acadêmicos e reafirmar a necessidade do diálogo cada vez mais constante entre pessoas de contextos socioeconômicos e culturais diferentes.

A metodologia de pesquisa utilizada teve como foco alterar a maneira de fazer pesquisa com as classes populares. Buscou uma maneira mais humanizada e amorosa de dialogar com as colaboradoras da pesquisa, de maneira que enquanto a gente fazia a pesquisa, íamos nos educando na relação e obtendo os dados que a pesquisa se propunha analisar.

A militância e o engajamento de fazer pesquisa com as classes populares nos tem ensinado a dizer sempre ao lado de quem estamos e para que/quem estamos fazendo pesquisa e, desta forma, explicitar de que maneira a pesquisa irá contribuir para as pessoas envolvidas e para a sociedade que estamos almejando. É fazer a denúncia do que encaramos como incorreto e, acima de tudo, anunciar propostas de transformação. Esse anúncio, ao estar nas mãos da classe popular, faz com que os próprios oprimidos consigam superar esse modelo e promover sua própria libertação. É nesse sentido que a educação popular nos ajuda, quando reafirma a importância do povo, em seu processo de luta, elaborar seus próprios saberes. Disto resulta a opção por utilizar esta metodologia baseada nos aportes teóricos da educação popular.

A investigação baseada na educação popular possibilitou-nos estar próximas das mulheres e construir com elas um método de pesquisa que desafiava outros olhares de como fazer pesquisa com as classes populares. A necessidade do desvelamento do mundo com elas levou-nos a escolher a educação popular e a teoria de Paulo Freire por entendermos que o processo e o dinamismo da conscientização e da ampliação de visão de mundo com as pessoas é o que daria relevância e sustentaria a tese. Partiu-se do entendimento de que não existe saber absoluto e nem vazio de saber e, assim, é possível promover esse diálogo para que não continue a existir o silenciamento da cultura popular em nossa sociedade.

Os dados mostraram que ser mulher na Reforma Agrária é lutar desde criança para conseguir terminar os estudos, para romper com modelos tradicionais da sociedade machista, que as isola nos espaços privados e, muitas vezes, retiram dessas mulheres seus sonhos, suas ambições. Ao considerar que a educação é um processo que vai além dos muros das escolas, entendemos que a formação em Pedagogia da Terra possibilita que estas mulheres consigam elementos para poder contribuir com seus assentamentos, com a cultura, educação, saúde, ao passo que se reconhecem como sujeitos de direitos e fazedores de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, D. M. **Pedagogia da Terra**: olhar dos/as educandos/as em relação à primeira turma do estado de São Paulo. 2010. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- _____. **Mulheres da reforma agrária na educação**: os significados em ser pedagogas da terra. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- FERNANDES, B. M. **Movimento social como categoria geográfica**. AGB-Nacional: Associação dos Geógrafos do Brasil, 2005. Disponível em <<http://www.agb.org.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.
- _____. **A educação na cidade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005b.
- _____. **Pedagogia da esperança** – um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- _____. **À sombra desta mangueira**. 8. ed. São Paulo: Olho d' Água, 2006.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 34-41.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOHN, M. G.; ZANCANELLA, Y. A relação entre universidade e movimentos sociais como princípio da construção crítica da educação do campo. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, PR, n. 15, p. 57-70, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OLIVEIRA, M. W. Et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPED, 2009.

OLIVEIRA, M. W. **Processos educativos em trabalhos desenvolvidos entre comunidades**: perspectivas de diálogo entre saberes e sujeitos. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2003.

SOUZA, P. C. A.; AMARAL, D. M. Caminhando com os invisíveis: características da pesquisa em processos educativos e práticas sociais. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 96-113, 2009.

STRECK, D. R. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 272-284, maio/ago. 2006.

SOBOTKA, E; EGGERT, E; STRECK, D. R. A pesquisa como mediação político-pedagógica. Reflexões a partir do orçamento participativo. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Org.). **Pesquisa participante**. O saber da partilha. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

VALLA, V. V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 177-190, jul./dez. 1996.

Recebido em: 11.12.2014

Aprovado em: 14.03.2015